

VÍNCULOS INTERPESSOAIS NA CONGREGAÇÃO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO CRISTÃ DE JOVENS

INTERPERSONAL BONDS IN THE CONGREGATION
AS AN INSTRUMENT IN THE CHRISTIAN FORMATION
OF YOUNG PEOPLE

Fernando Ellwanger Garske¹

Resumo: Este artigo examina o lugar dos vínculos na educação cristã de jovens, com atenção especial à instrução de confirmandos. O objetivo é demonstrar que tais vínculos não são acréscimos afetivos à catequese, mas expressão concreta da comunhão criada por Deus no batismo e sustentada pela Palavra, pelo perdão e pelos sacramentos. A pesquisa é bibliográfica, articulando documentos confessionais, estudos pastorais e pesquisas sobre juventude e permanência na igreja. O desenvolvimento define a educação cristã como receptiva, comunitária e vitalícia; interpreta o jovem contemporâneo em chave sociológica e teológica; identifica obstáculos à formação de vínculos; e propõe caminhos pastorais para reintegrar lar, culto, serviço, catecumenato intergeracional e continuidade pós-confirmação. Conclui-se que fortalecer vínculos é consequência de uma educação cristã receptiva, comunitária e vitalícia, que segue o batismo e se estende por toda a vida e acontece na comunidade da igreja, se estendendo ao lar e à sociedade.

¹ Bacharel em Teologia pela ULBRA (2001); habilitado ao Ministério Pastoral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) pelo Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2003); Mentorship Program – Bethesda Lutheran Communities (Capacitação para a promoção e defesa do trabalho com pessoas com deficiência intelectual e de desenvolvimento – 2013). Desde 2022, exerce o cargo de vice-presidente de Educação Cristã da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Palavras-chave: Educação cristã. Confirmação. Juventude. Vínculos. Catequese.

Abstract: This article examines the place of relational bonds in the Christian education of young people, with special attention to the instruction of confirmands. Its objective is to demonstrate that such bonds are not affective additions to catechesis, but concrete expressions of the communion created by God in baptism and sustained by the Word, forgiveness, and the sacraments. The research is bibliographical, bringing together confessional documents, pastoral studies, and research on youth and church retention. The development defines Christian education as receptive, communal, and lifelong; interprets contemporary youth from both sociological and theological perspectives; identifies obstacles to the formation of relational bonds; and proposes pastoral paths for reintegrating the home, worship, service, intergenerational catechumenate, and post-confirmation continuity. The article concludes that strengthening relational bonds is a consequence of receptive, communal, and lifelong Christian education, which follows baptism, extends throughout life, takes place within the community of the church, and reaches into the home and society.

Keywords: Christian education. Confirmation. Youth. Bonds. Catechesis.

INTRODUÇÃO

A instrução de confirmandos ocupa lugar significativo na vida das congregações luteranas. Nela se concentram expectativa, esperança e dedicação catequética. Ainda assim, é comum que o rito que deveria fortalecer a vida batismal do jovem seja percebido como um ponto de chegada. Aquilo que deveria aprofundar a comunhão e a formação cristã passa, no imaginário e na prática de muitos, a funcionar como conclusão, despedida ou uma espécie de “formatura”.

No levantamento realizado pela Comissão de Instrução de Confirmandos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em 2018, 50% dos respondentes relataram a percepção de que menos da metade dos jovens permanece envolvida na vida da congregação depois da confirmação. O mesmo estudo registrou baixa participação familiar e envolvimento congregacional limitado em muitos contextos, o que mostra

que o problema não é somente quantitativo, mas catequético e eclesial (IELB, 2018/2019, p. 44-46).

Este artigo parte da seguinte pergunta: Qual é o lugar dos vínculos na educação cristã batismal de jovens, especialmente no contexto da instrução de confirmandos? O objetivo é demonstrar que os vínculos entre jovem, família, pastor e congregação não são um acréscimo metodológico à catequese nem um simples recurso para “reter jovens”. Eles são a forma comunitária concreta pela qual a vida recebida no batismo é nutrida, exercitada e preservada no corpo de Cristo.

O argumento se desenvolve em cinco movimentos. Primeiro, define-se a educação cristã batismal como receptiva, comunitária e vitalícia. Em seguida, os vínculos são situados como expressão da comunhão criada por Deus. Depois, o jovem contemporâneo é lido em chave sociológica e teológica. A seguir, são identificados obstáculos à formação dos vínculos. Por fim, são indicados caminhos pastorais para uma catequese mais coerente com a vida batismal. A ideia que orienta o texto é simples: Deus não educa seus filhos no isolamento, mas na comunhão dos santos, por sua Palavra e seus sacramentos, em meio a vocações e relações concretas.

O RITO DE CONFIRMAÇÃO E A EDUCAÇÃO CRISTÃ

Em muitas congregações da igreja, a confirmação é vivida de modo ambíguo. Por um lado, é um momento festivo: há culto solene, participação da família, recordação do batismo, confissão pública da fé, bênção, versículo bíblico e a recepção da santa ceia. Por outro lado, esse mesmo rito pode transmitir, mesmo sem intenção, a ideia de encerramento.

Geoffrey R. Boyle mostra que essa deformação tem raízes históricas. No desenvolvimento da prática da confirmação, especialmente sob influência do racionalismo, ganharam força o exame de conhecimento, a separação entre exame e o rito, a associação com a conclusão da escola, o uso de roupas especiais e a compreensão do dia da confirmação como grande festival da juventude. Com isso, o rito passou a carregar sentidos sociais de habilitação e passagem à vida adulta, muitas vezes mais fortes do que seu vínculo com o batismo e com a catequese continuada (Boyle, 2015, p. 136-137).

No contexto da IELB, a escolarização da catequese também aparece como fator relevante. O levantamento feito pela Comissão Nacional de Instrução de Confirmandos (IELB, 2018/2019), em 2018, indicou que 95,4% dos programas exigem memorização, 87,8% aplicam exame final ou avaliações durante o processo, e 99,2% utilizam leitura e discussão como método (IELB, 2018/2019, p. 44-45). Esses dados não devem ser lidos como condenação da memorização, do exame ou do estudo sério. A Igreja Luterana sempre valorizou a clareza doutrinária e a aprendizagem usando a memorização. A questão em foco surge quando a instrução passa a ser recebida quase exclusivamente como curso, avaliação e métrica de desempenho.

Gamba e Graff ajudam a esclarecer. A memorização não é obstáculo à aprendizagem; ela se torna problemática quando é usada de maneira descontextualizada ou irrefletida, sem apropriação do significado e sem ligação com a vida do catecúmeno. Nesse caso, o Catecismo pode ser percebido como matéria a vencer, e não como ensino para a fé e para a vida (Gamba; Graff, 2022, p. 177-178). O risco, portanto, está em separar o conteúdo da fé da comunhão em que esse conteúdo é confessado,orado, celebrado e vivido.

O rito de confirmação não cria uma nova vida cristã, nem encerra a anterior. Ela confirma publicamente a fé ensinada, fortalece a comunhão e marca uma etapa intensiva dentro de um catecumenato mais amplo.

Em Mateus 28.19-20, Cristo une batismo e ensino na ordem de fazer discípulos. A educação cristã acompanha a vida do batizado para que ele seja ensinado a viver, em fé e arrependimento, da Palavra, do perdão e da comunhão de Cristo. Por isso, a instrução de confirmandos não pode ser entendida como preparação para um rito isolado, mas como momento particular de uma educação que começa no batismo, passa pelo lar e pela congregação, e continua até a morte.

A primeira característica dessa educação é ser receptiva. Ela não nasce da autonomia religiosa do jovem, da eficiência do método ou da capacidade persuasiva da igreja. Ela começa no agir de Deus. Lutero formula isso na explicação do Terceiro Artigo do Credo: “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé” (Lutero, 2024, p. 16).

A educação cristã, portanto, não é um processo pelo qual a igreja produz fé em alguém a partir de recursos humanos. É o modo pelo qual a igreja distribui os meios pelos quais o Espírito chama, ilumina, santifica e conserva na fé. Kleinig descreve a vida cristã como vida de recepção: o cristão vive daquilo que Deus dá em Cristo, por sua Palavra, no batismo e na santa ceia (Kleinig, 2019, p. 9, 13-14). Veith Jr. observa, na mesma direção, que na justificação somos inteiramente receptivos, e que o batismo de uma criança é um sinal eloquente dessa passividade diante da graça divina (Veith Jr., 2015, p. 46). A educação cristã, nesse horizonte, é ensinar o batizado a receber continuamente os dons de Deus.

A segunda característica é ser comunitária. O mesmo Terceiro Artigo que afirma que o Espírito Santo “me chamou” também confessa que ele “chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na Terra” (Lutero, 2024, p. 16). A fé é pessoal, mas não individualista. Deus chama pessoas concretas para dentro de uma comunhão concreta. A Confissão de Augsburgo define a igreja como a congregação dos santos na qual o evangelho é ensinado de modo puro e os sacramentos são administrados corretamente (*Livro de Concórdia*, 2021, p. 52). Logo, a educação cristã não acontece apartada da igreja, mas nela: no culto, no lar, na oração, na confissão, no serviço e nos vínculos reais entre os irmãos e irmãs.

O próprio *Catecismo Menor* revela essa forma comunitária. Suas partes principais são introduzidas pela fórmula dirigida ao chefe da família, que deve ensiná-las com simplicidade à sua casa (Lutero, 2024, p. 14, 22, 25, 30). Kolb lembra que o programa catequético de Lutero tinha forma doméstica e eclesial: cartazes de instrução para revisão no lar, o *Catecismo Menor* para o ensino das crianças e dos servos, e o *Catecismo Maior* para orientar pais e pastores (Kolb, 2025, p. 25-26). Mais adiante, o próprio Kolb observa que a responsabilidade de ensinar começa na família, mas é compartilhada por toda a comunidade cristã (Kolb, 2025, p. 33-34).

A terceira característica é ser vitalícia. O batismo não é apenas evento passado, mas fonte diária da vida cristã. Ao explicar o significado de batizar com água, Lutero afirma que “o velho homem em nós, por contrição e arrependimento diários, deve ser afogado e morrer com todos os pecados e maus desejos” e que, por sua vez, deve “sair e ressurgir diariamente novo homem” (Lutero, 2024, p. 23-24). A palavra “diariamente” impede que

a vida batismal seja transformada em lembrança distante. O cristão vive todos os dias retornando ao batismo.

Kolb resume essa continuidade ao afirmar que Lutero via a atividade do Catecismo como processo por toda a vida, cujo objetivo não é apenas transmitir um conjunto de doutrinas, mas cultivar um modo de vida no qual a pessoa aprende a perceber a sua existência a partir da perspectiva de Deus (Kolb, 2025, p. 34). Assim, não há formatura no catecumenato cristão. Há aprofundamento, repetição, arrependimento, consolo e perseverança.

Desse modo, a educação cristã é receptiva, porque começa no agir de Deus; comunitária, porque Deus coloca o batizado no corpo de Cristo; e vitalícia, porque acompanha o cristão no movimento diário de morte e ressurreição até a plena comunhão com Cristo.

Vínculos como expressão da comunhão batismal

Relações humanas saudáveis são importantes em qualquer processo formativo, mas, na igreja, os vínculos possuem fundamento mais profundo. Eles pertencem à comunhão que Deus cria pelo evangelho. O batismo não apenas concede perdão e salvação ao indivíduo; ele também o incorpora ao corpo de Cristo. Por isso, a catequese não deve ser pensada como transmissão de conteúdo a sujeitos isolados. Ela é formação de batizados dentro da comunhão dos santos.

Essa comunhão é recebida antes de ser construída. Ela é dom de Deus. A congregação, por sua vez, torna essa comunhão visível quando o jovem é conhecido, chamado pelo nome, ouvido, ensinado, corrigido, perdoado, convidado a servir e reconhecido como membro real do corpo de Cristo. Nesse sentido, os vínculos são a forma concreta pela qual a vida criada pelo Espírito Santo pelos meios da graça é acolhida e exercitada no cotidiano da igreja.

O Novo Testamento descreve a igreja como corpo no qual os membros pertencem uns aos outros. A catequese, portanto, não é somente uma relação entre pastor e aluno. Ela envolve pais, padrinhos, professores, adultos da congregação, jovens mais velhos, irmãos de fé e a assembleia reunida em culto. Quando esse tecido comunitário enfraquece, a instrução pode continuar formalmente correta, mas passa a operar como curso se-

parado da vida. Quando ele é fortalecido, o jovem percebe que a doutrina ensinada tem rosto, voz, mesa, perdão e lugar.

Na Igreja Luterana, a vida cristã é vivida em vocações concretas e lugares de responsabilidade. Deus cuida de suas criaturas por meio de pessoas, ofícios e relações. Pais, pastores, professores, padrinhos e irmãos de fé são instrumentos ordinários do cuidado de Deus. Mayes observa, ao discutir vocação em Lutero, que o chamado de Deus se expressa especialmente nos deveres concretos instituídos por sua Palavra, como família, igreja e ordem civil, nos quais o cristão serve ao próximo (Mayes, 2018, p. 45-48).

Essa compreensão impede terceirizar a educação cristã ao pastor ou à instituição eclesiástica. Da mesma forma, também impede transformar a família em unidade autônoma, sem necessidade da igreja. A estrutura bíblica e confessional é mais rica: o lar ensina, ora e acompanha; o pastor prega, catequiza, absolve e administra os sacramentos; a congregação acolhe, sustenta, exemplifica e corrige; e o jovem aprende a viver como batizado em uma rede de relações.

Por isso, o vínculo entre jovem e congregação não deve começar no primeiro encontro da instrução de confirmandos. Rueter conclui que a conexão da família com o culto e com a vida da igreja antes da confirmação é o maior preditor da conexão do jovem depois dela (Rueter, 2011, p. 1-2).

A confirmação torna visível aquilo que foi cultivado antes dela. Quando a família vive à margem do culto, quando a congregação não conhece seus adolescentes, quando os adultos não se aproximam dos confirmandos e quando a instrução se limita à sala de aula, o rito dificilmente produzirá, por si só, pertencimento duradouro. Ao contrário, ele apenas oficializará uma desconexão que já vinha sendo preparada.

Os vínculos na igreja, porém, não devem ser idealizados. A comunhão dos santos é vivida por pecadores perdoados. Jovens pecam, pais pecam, pastores pecam, líderes pecam e congregações inteiras podem falhar em acolher, ensinar e cuidar. Por isso, uma teologia dos vínculos precisa ser também uma teologia do arrependimento e do perdão. A igreja vive de Cristo justamente porque seus vínculos são constantemente ameaçados por orgulho, negligência, impaciência, indiferença e medo.

O pecado desafia e machuca a comunhão. Ele transforma o jovem em problema, o pastor, em prestador de serviço, os pais, em clientes, a congregação, em plateia, e a catequese, em obrigação. Também pode transformar

a preocupação legítima com permanência juvenil em mera ansiedade de uma instituição preocupada com sua sobrevivência. Quando a igreja deseja apenas “não perder jovens”, corre o risco de reduzir pessoas a indicadores de retenção. O evangelho, porém, chama pecadores ao arrependimento, dá perdão, restaura comunhão e abre espaço para uma vida de serviço.

Assim, fortalecer vínculos significa tornar visível, em relações concretas, a realidade da justificação e da reconciliação. Jovens precisam ser ensinados e absolvidos; corrigidos e consolados; precisam ser chamados ao serviço, mas também lembrados de que sua identidade é recebida de Cristo. A igreja que deseja preservar seus jovens deve começar preservando o centro do que tem a oferecer: Palavra, perdão, batismo, santa ceia e comunhão em Cristo.

O JOVEM CONTEMPORÂNEO

O jovem de hoje não pode ser descrito por uma única imagem. Ele vive em ambiente digital, com relacionamentos fluídos, culturalmente acelerado e espiritualmente ambíguo. Crianças e jovens foram profundamente modificados pela imersão digital e, ao mesmo tempo, a cidade atual restringiu espaços concretos de convivência, empurrando muitos para o universo virtual como lugar de interação e expressão (Garske, 2014, p. 1-3). O resultado é uma forma diferente de relação, pertencimento e atenção.

Oberdeck, dialogando com Chap Clark, lembra que existe um “sub-mundo” adolescente frequentemente invisível aos adultos. Um espaço de dor, abandono percebido, ocultamento e distanciamento. Ao mesmo tempo, ele reconhece que também existem jovens ativos, otimistas, articulados e maduros na fé. Os dois retratos são reais, e não devemos absolutizar qualquer um deles. Se a igreja enxerga somente os jovens envolvidos e animados, deixa de perceber feridas silenciosas. Se enxerga apenas crise, torna-se incapaz de reconhecer dons e esperança (Oberdeck, 2020, p. 55-57).

O relatório *A geração autêntica*, do Barna Group, acrescenta nuances importantes no contexto latino-americano. O estudo descreve os adolescentes atuais como abertos, curiosos, colaborativos, engajados e digitalmente capazes (Barna Group, 2023, p. 7). No recorte da América Latina, 79% dos adolescentes se identificam como cristãos, e o relatório

sugere que muitos procuram conexões mais profundas e maior percepção de que sua presença importa (Barna Group, 2023, p. 9). Isso desautoriza leituras simplistas segundo as quais a juventude contemporânea seria indiferente à fé.

Essa abertura aparece também em relação a Jesus e à Escritura. Segundo o Barna Group, 82% dos adolescentes latino-americanos afirmam estar pelo menos um pouco motivados a continuar aprendendo mais sobre Jesus ao longo da vida; 85% têm uma Bíblia em casa; e, entre adolescentes cristãos da região, 51% interagem com a Bíblia ao menos semanalmente (Barna Group, 2023, p. 18-21). Além disso, 53% dos adolescentes cristãos latino-americanos dizem receber em sua igreja conhecimento sobre como a Bíblia se aplica à vida deles, e o relatório conclui que a comunidade é essencial para engajamento bíblico vibrante e duradouro (Barna Group, 2023, p. 24-27).

Tal abertura espiritual, contudo, nem sempre é sinônimo de maturidade cristã. Permanece atual o trabalho de Smith e Denton, que demonstraram que muitos adolescentes consideram a religião importante, mas têm dificuldade para explicar o que creem, por que creem e quais implicações a fé tem para a vida. Quando a catequese é fraca, a religiosidade tende a assumir a forma do denominado “deísmo terapêutico moralista”: Deus existe, quer que as pessoas sejam boas, ajuda quando chamado, deseja que todos se sintam bem e recebe pessoas boas no céu (Smith; Denton, 2005, p. 57, 162-163). Trata-se de uma espiritualidade rasa e funcional, que facilmente substitui o evangelho por bem-estar moralizado.

Esses dados indicam que a igreja não deve tratar os jovens nem como indiferentes à fé nem como cristãos maduros que precisam apenas de espaço. Eles necessitam de instrução séria, relações confiáveis e participação concreta na vida da igreja. Também precisam de adultos capazes de escutar sem ceder ao relativismo e de ensinar sem transformar toda dúvida em rebeldia.

Além da leitura sociológica, o jovem cristão deve ser visto teologicamente. Oberdeck insiste que adolescentes precisam ser percebidos não somente pelos dons do Primeiro Artigo, isto é, por fatores psicológicos, relacionais e de desenvolvimento, mas também pelos dons do Terceiro Artigo. Jovens cristãos são filhos batizados de Deus; são santos e pecadores; lutam contra o diabo, o mundo e a carne; e enfrentam tentações

próprias de sua idade, muitas vezes pela primeira vez (Oberdeck, 2020, p. 287-288).

Vê-los teologicamente significa, antes de tudo, reconhecê-los como jovens perdoados. Eles não são apenas “adolescentes em risco”, “nativos digitais” ou “geração difícil”. São pessoas a quem Deus fala sua lei e seu evangelho. Precisam ser chamados ao arrependimento e ouvir a absolvição. Precisam aprender a nomear pecado, culpa e vergonha diante de Deus, e a receber consolo em Cristo. Uma catequese que evita essa realidade pode ser funcional ou agradável, mas será frágil em seus fundamentos cristãos.

Ver os jovens teologicamente também significa reconhecer dons e vocação. Oberdeck observa que os jovens não estão excluídos do testemunho da fé; eles fazem parte da missão de Deus agora. Tratá-los apenas como “igreja do amanhã” ou um projeto futuro seria ignorar sua identidade batismal. Eles já pertencem ao corpo de Cristo e podem servir com seus dons (Oberdeck, 2020, p. 242-243).

Por fim, vê-los teologicamente é lembrar que sua identidade não é dada pela cultura, pelos pares, por algoritmos, por rótulos geracionais ou por fracassos pessoais. Sua identidade é recebida no batismo. A educação cristã não fala ao jovem apenas como alguém a ser convencido ou controlado, mas como alguém que já foi reivindicado por Cristo e deve ser continuamente reconduzido a essa promessa.

Quando a igreja despreza o retrato sociológico do jovem, corre o risco de tornar-se abstrata e desencarnada. Quando esquece o retrato teológico, torna-se moralista, terapêutica ou meramente sociológica. A catequese fiel mantém as duas dimensões juntas. Isto é, conhece o tempo em que o jovem vive e confessa quem ele é diante de Deus.

OBSTÁCULOS À FORMAÇÃO DOS VÍNCULOS INTERPESSOAIS

A fragilidade dos vínculos observada nos nossos dias não pode ser explicada apenas pelo perfil dos jovens. Seria cômodo atribuir tudo à cultura digital ou a uma suposta indiferença geracional. O enfraquecimento dos vínculos também nasce de modos distorcidos de imaginar a catequese e organizar a vida congregacional.

Um obstáculo comum é a escolarização da catequese. Quando a instrução é percebida principalmente como aula, prova, conteúdo e conclusão, a confirmação naturalmente se aproxima da ideia de formatura.

O problema não está em ensinar com rigor. O problema surge quando o rigor se separa da vida batismal e comunitária. Gamba e Graff observam que a aprendizagem precisa ser significativa para a vida do catecúmeno, evitando que a memorização se torne exercício desconectado do significado (Gamba; Graff, 2022, p. 177-180). Uma catequese fiel precisa ensinar doutrina clara, mas também mostrar como essa doutrina é orada, confessada, cantada, sofrida, celebrada e vivida.

O oposto da escolarização também não resolve o problema. Uma igreja pode tentar substituir a aula fria por programação atraente, alta tecnologia, eventos impactantes e linguagem juvenil. Oberdeck critica a estratégia de atrair jovens com aquilo de que gostam para, ao final, “inserir Jesus” na programação. Esse procedimento pode comunicar artificialidade e falta de confiança na própria mensagem cristã (Oberdeck, 2020, p. 31-32).

Há ainda o desafio do “currículo oculto”. Em certos contextos, o trabalho com jovens passa a servir a metas não confessadas: preservar membresia, sustentar instituição, produzir bons cidadãos, evitar escândalos, tranquilizar pais ou preparar a “igreja do futuro”. Nenhum desses interesses é ruim em si, quando subordinado ao evangelho. Mas tornam-se problemas quando ocupam o centro. Nesse caso, a catequese deixa de formar batizados para viver do perdão de Cristo e passa a ser avaliada por sua capacidade de produzir jovens estáveis, úteis e sem problemas (Oberdeck, 2020, p. 138-140).

Outro obstáculo decisivo é a terceirização da educação cristã. O levantamento da IELB indicou que, em 36% dos programas, não há previsão de participação dos pais; em 44,8%, eles são convidados, mas raramente participam; e 45% afirmam que a congregação não está diretamente envolvida no processo (IELB, 2018/2019, p. 45-46). Esses números revelam que, em muitos contextos, a instrução é funcionalmente entregue apenas ao pastor, como um serviço a ser prestado.

Rueter reforça esse diagnóstico. Em sua pesquisa com líderes de programas de confirmação, a conexão prévia da família com o culto e com a vida congregacional apareceu como o fator mais decisivo para a continuidade do jovem. O autor conclui que a igreja deve abandonar a

busca por soluções rápidas baseadas apenas em currículo novo ou mais chamativo e recuperar uma compreensão mais holística da confirmação em relação a toda a vida da igreja (Rueter, 2011, p. 1-2).

A terceirização familiar se soma a outro problema: a segregação geracional. Estruturas destinadas aos jovens podem ser úteis, mas também podem comunicar que eles pertencem a uma subestrutura paralela. Sala de jovens, culto jovem, pastor de jovens e programação juvenil podem servir ao cuidado pastoral; mas, se retiram adolescentes do convívio ordinário da congregação, se aliviam adultos de seu papel e separam gerações que deveriam aprender a viver juntas, produzem espaço sem comunhão (Oberdeck, 2020, p. 53-54).

Um obstáculo que se destaca pelos seus malefícios é o uso apressado de estereótipos geracionais. A linguagem sobre gerações pode ajudar a compreender tendências culturais, mas se torna nociva quando substitui o encontro com pessoas concretas. Antes de ouvir o jovem, já se pensa saber quem ele é: distraído, frágil, hiperconectado, relativista, consumista, desigrejado ou incapaz de compromisso. Nesse momento, a igreja já deixou de vê-lo como um filho batizado, com história, dons, pecados, dores e perguntas.

Smith e Denton alertam contra leituras alarmistas da adolescência e sugerem que adultos precisam de modelos mentais capazes de enfatizar continuidades, laços e futuro comum entre gerações, pois o que os jovens mais necessitam não é distância interpretativa, mas conexão real (Smith; Denton, 2005, p. 265-266).

Em síntese, os obstáculos aos vínculos convergem em uma ruptura entre catequese e comunhão. Quando a educação cristã é escolarizada, espetacularizada, terceirizada, segregada e contaminada por estereótipos, ela deixa de expressar a forma comunitária da fé recebida no batismo.

CAMINHOS PASTORAIS PARA O FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS INTERPESSOAIS

A primeira ponte a reconstruir é a que une catequese e lar. O *Catecismo Menor* não foi concebido como material pertencente apenas ao pastor ou à sala de aula. Ele é livro da igreja para a casa cristã. Kolb lembra que Lutero queria que a fé fosse aprendida no ritmo ordinário da

vida doméstica, em orações, refeições, conversas, memorização e confissão (Kolb, 2025, p. 25-26, 179-180).

Isso exige que a congregação comunique, desde o início, que a instrução de confirmandos é vocação compartilhada. Pais e responsáveis não devem ser informados apenas sobre horários, materiais e exigências. Devem ser chamados a participar espiritualmente do processo: orar com os filhos, acompanhar leituras e memorizações, conversar sobre os temas estudados, estar presentes em encontros específicos, participar do culto e compreender a confirmação como etapa da vida batismal da família.

O estudo da IELB mostra que, onde há participação dos pais, ela costuma ocorrer por acompanhamento dos estudos em casa, reuniões, presença em aulas e exames, comunicação semanal e apoio do pastor (IELB, 2018/2019, p. 45-46). Essas práticas são simples e catequeticamente importantes. Elas comunicam que a fé não é assunto escolar do filho, mas vida da casa diante de Deus.

A congregação também precisa sustentar famílias frágeis. Nem todos os lares têm pais presentes, alfabetizados na fé ou dispostos ao acompanhamento. Por isso, a reintegração do lar não deve virar nova lei que apenas acusa famílias cansadas. Ela deve ser acompanhada por apoio pastoral, materiais simples, encontros acolhedores, padrinhos atuantes, adultos da congregação e paciência.

A segunda ponte é a comunhão intergeracional. O jovem precisa experimentar que pertence à igreja inteira, não apenas a um grupo etário. Oberdeck observa que adolescentes precisam de relacionamentos com adultos de fora da própria família, pois tais vínculos oferecem escuta, releitura das crises, interpretação madura da vida e apoio sem as tensões próprias da convivência doméstica. Ele também registra que ter ao menos um adulto entusiasmado com o jovem já faz grande diferença (Oberdeck, 2020, p. 281-282).

Essa relação não precisa começar de forma artificial e complexa. Pode assumir formas simples: padrinhos que acompanham de fato, parceiros de oração, adultos que conversam com confirmandos após o culto, membros idosos que compartilham histórias de fé, casais que recebem jovens em casa, líderes que ensinam habilidades de serviço, jovens adultos que caminham com adolescentes mais novos. O essencial é que o vínculo seja real, repetido e confiável.

O relacionamento intergeracional ajuda o jovem a ver como a Palavra é recebida e vivida por cristãos concretos. Jovens aprendem doutrina, e também aprendem a reconhecer a fé ao observar como os adultos oram, sofrem, pedem perdão, perdoam, trabalham, servem e perseveram.

A terceira estratégia é integrar os jovens à vida cotidiana da congregação. O estudo da IELB mostrou que 73,3% dos participantes relataram oferecer programas ou atividades que estabelecem vínculos entre jovens e congregação. Entre as práticas mencionadas aparecem grupo de jovens, música, coral, leituras, sonorização, projeção, escola dominical, retiros, teatro, recepção, estudo bíblico em famílias e trabalho voluntário (IELB, 2018/2019, s.p.).

Essas práticas devem ser tratadas como parte da própria formação. O confirmando pode ler perícopes, ajudar na recepção, cantar, participar da música, auxiliar na escola dominical, visitar enfermos com adultos, contribuir em ações de misericórdia, aprender a servir no altar conforme a prática da congregação local e participar de estudos.

O relatório Barna confirma a importância da comunidade para o engajamento bíblico. Na América Latina, as principais fontes de instrução bíblica para adolescentes são relacionais: pais ou responsáveis, pastor ou ministro, parentes, amigos, líderes de estudo bíblico e líderes de juventude (Barna Group, 2023, p. 24-27). O mesmo relatório indica que compromisso com Jesus, engajamento bíblico e motivação para causar impacto se sobrepõem de modo significativo, e que o encorajamento de família e amigos é decisivo para a ação diante de injustiças (Barna Group, 2023, p. 34-39).

A quarta ponte é a presença pastoral. O jovem precisa de um pastor que confesse a verdade, mas que também escute perguntas; que ensine com autoridade, mas sem transformar toda dúvida em afronta; que aplique lei e evangelho, e não apenas transmita respostas corretas.

Oberdeck fala em “momentos de ministério”, isto é, encontros em que os dons de Deus, a experiência do servo e a necessidade concreta do jovem se encontram, fazendo com que a teologia apareça na forma de cuidado. Esses momentos não acontecem apenas em grandes crises; surgem em conversas ordinárias, dúvidas, sofrimento silencioso, tédio, risco e encruzilhadas comuns da adolescência (Oberdeck, 2020, p. 257-260, 271).

Por isso, a presença pastoral na instrução de confirmandos não se limita a aplicar um currículo ou preparar uma cerimônia. O pastor precisa conhecer os jovens pelo nome, saber algo de suas histórias, visitar famílias quando possível, interessar-se honestamente por suas atividades, criar confiança para conversas difíceis e mostrar que o ministério da Palavra alcança a vida cotidiana. Quando um jovem percebe que o pastor sabe seu nome e se importa com sua vida, abre-se espaço para que ele tenha confiança para buscar orientação, confissão, absolvição e consolo (Oberdeck, 2020, p. 281).

A quinta ponte é a continuidade. Se a educação cristã é vitalícia, a própria forma da instrução deve comunicar que há caminho depois do rito. Kolb insiste que a atividade catequética é processo contínuo por toda a vida (Kolb, 2025, p. 34).

Planejar o depois é ato catequético. Antes da confirmação, a congregação deveria perguntar: Em que grupo este jovem continuará? Que adultos permanecerão em contato com ele? Que responsabilidades lhe serão confiadas? Em que estudo seguirá? Que espaços de serviço, oração e convivência lhe estarão abertos? Que jovens mais velhos ou adultos caminharão com ele?

A continuidade precisa ser visível antes do rito. Se a confirmação quer deixar de parecer despedida, a congregação precisa tornar palpável que existe caminho depois dela. Isso pode envolver acolhimento imediato no grupo de jovens, classes de estudo pós-confirmação, integração em equipes de serviço, acompanhamento de padrinhos, encontros com famílias, retiros, oportunidades de liderança e cuidado pastoral.

Enfim, todas essas pontes convergem em uma mesma direção: devolver a catequese ao lar, reconstruir a comunhão intergeracional, integrar jovens ao culto e ao serviço, valorizar a presença pastoral e planejar a continuidade pós-confirmação. Nada disso substitui o conteúdo da fé. Tudo isso serve para que o conteúdo seja recebido na forma própria da vida cristã: como Palavra que cria fé, reúne os cristãos em comunhão, perdoa pecadores e orienta e oportuniza o serviço na vocação batismal e nos lugares e relacionamentos onde estamos.

CONSIDERAÇÕES

Este artigo procurou demonstrar que a educação cristã é receptiva, comunitária e vitalícia. É receptiva porque começa no agir de Deus, que chama, ilumina, santifica e conserva na fé. É comunitária porque o mesmo Deus incorpora seus filhos ao corpo de Cristo e os sustenta na comunhão dos santos. É vitalícia porque o batismo inaugura um caminho diário de arrependimento, fé, consolo e perseverança. Nessa perspectiva, os vínculos não são ornamento, mas expressão concreta da comunhão que Deus cria.

A fé do jovem amadurece pela ação do Espírito Santo pelos meios da graça, e isso acontece ordinariamente na vida comunitária da igreja, em uma rede de vínculos. Família, culto, pastor, mentores, adultos confiáveis, serviço e participação congregacional influenciam a permanência e a maturidade cristã.

Fortalecer vínculos não significa trocar catequese por entretenimento, nem substituir o evangelho pelo incentivo às relações sociais. Significa tornar a prática catequética coerente com a própria confissão da igreja. Onde a família é integrada, a comunhão intergeracional é fomentada, o jovem participa do culto e do serviço, a presença pastoral é reconhecível e o pós-confirmação é planejado, a instrução de confirmandos cumpre sua função de aprofundar a vida recebida no batismo por meio do aprendizado intencional e da vivência da palavra de Deus.

Em última instância, não há formatura no catecumenato cristão. Há caminho. O jovem confirmado não termina sua formação. Ele segue chamado a viver do batismo na comunhão dos santos. E é precisamente nessa comunhão, feita de Palavra, sacramentos, perdão, vocação e vínculos concretos, que a igreja reconhece sua identidade: não uma instituição que administra etapas religiosas, mas o povo reunido por Deus, no qual aquele que começou boa obra há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNA GROUP. *A geração autêntica: América Latina: um estudo global sobre adolescentes*. Ventura, CA: Barna Group, 2023.

BOYLE, Geoffrey R. Confirmation, catechesis, and communion: a historical survey. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v. 79, n. 1-2, p. 121-142, jan./abr. 2015.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Departamento de Educação Cristã. Comissão de Instrução de Confirmandos. *Estudo sobre a confirmação*. Porto Alegre: IELB, 2018-2019. Relatório interno.

GAMBA, Ivan Carlos; GRAFF, Anselmo Ernesto. As metodologias ativas e o ensino confirmatório na Igreja Evangélica Luterana do Brasil. *Igreja Luterana*, São Leopoldo, v. 82, n.2, p. 175-200, 2022.

GARSKE, Fernando Ellwanger. Infância e juventude na cidade. In: VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE MISSÃO – CITM, 2014, [São Leopoldo, RS]. *Palestra não publicada*.

KLEINIG, John W. *Graça sobre graça: espiritualidade para hoje*. Porto Alegre: Concórdia, 2019.

KOLB, Robert. *Ensinando aos filhos de Deus: um guia para o estudo do Catecismo de Lutero*. Porto Alegre: Concórdia, 2025.

LIVRO DE CONCÓRDIA: as confissões da Igreja Evangélica Luterana. BRANDENBURG, Yedo (ed.). Comissão Interluterana de Literatura (org.). Trad. Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor*. 37. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Concórdia, 2024.

MAYES, Benjamin TG. Luther on Vocation and Baptism: A Correction to Charismatic and Situational Ways of Discerning God's Call. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v. 82, p. 45-64, 2018.

OBERDECK, John. *#Jovem na igreja: conectando a história do jovem Êutico ao trabalho com jovens*. Porto Alegre: Concórdia, 2020.

RUETER, Dave. Confirmation practices and youth connectedness to church life. youthESource, 3 jun. 2011. Disponível em: <https://www.youthesource.com/2011/06/confirmation-practices-and-youth-connectedness-to-church-life/>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. *Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers*. New York: Oxford University Press, 2005.

VEITH JR., Gene Edward. *Espiritualidade da cruz*. 2. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2015.

